

Notas dos subterrâneos de Myanmar

Via [Europe Solidaire](#)

Myanmar está se tornando cada vez mais uma nação subterrânea. Quase se poderia chamar isso de um jogo de “esconde-esconde” em todo o país. Mas é claro que este jogo tem consequências potencialmente fatais. Ser encontrado significa prisão, tortura e até mesmo morte.

Já se passaram muitos meses desde que entrei na clandestinidade. Aqueles que passaram por isso, concordarão com o que vou dizer aqui: Não existe tal coisa como o esconderijo perfeito. Eles sabem, como eu sei, que ninguém se sente verdadeiramente seguro em nenhum esconderijo, por mais bem escolhido que seja.

Descobri, entretanto, que estes dias cheios de preocupações têm todos um momento confiável: o minuto em que se acorda pela manhã.

Sinto alívio ao ponto de felicidade ao acordar na minha cama, ao perceber que consegui passar mais uma noite sem ser preso – que, muito simplesmente, ainda me encontro uma pessoa livre.

Aqui em Myanmar, não estou sozinho em minha situação. Tornou-se a realidade diária para tantas pessoas em todo o país nos últimos sete meses, desde que os militares subitamente tomaram o poder de um governo eleito em 1º de fevereiro.

A lista de grupos-alvo é bastante extensa – dissidentes, manifestantes anti-regimes, jovens combatentes da resistência, críticos e jornalistas, funcionários públicos participantes do Movimento de Desobediência Civil (conhecido como CDM), médicos e professores, atores e atrizes famosos, artistas e cantores, e muitos mais para citar. Seus familiares – esposas e maridos,

filhos e outros parentes – também são frequentemente alvo de prisão, mantidos como reféns pelo regime. A única coisa que eles têm em comum é que todos eles são de alguma forma ativos contra o regime.

Todos eles se esconderam para escapar de serem presos arbitrariamente, torturados horripelmente, esbofeteados com acusações irracionais, entregues a longas penas de prisão e até mesmo mortos.

Física e mentalmente, esconder-se dos esquadrões mortais da junta é uma experiência como nenhuma outra. Esta não é a emoção de se perguntar se você vai escapar da descoberta de que se lembra dos jogos da infância – é um sentimento de pavor constante.

Matemática sombria

O número de pessoas que se esconderam ou fugiram de suas casas é provavelmente muito significativo, pelo menos em milhares, mas possivelmente em centenas de milhares se incluirmos todos os que têm algum motivo para escapar da perseguição do regime. O número de funcionários públicos que se recusam a trabalhar para o regime é de cerca de 400.000 em todo o país, e muitos deles estão se escondendo, ou pelo menos mantendo um perfil discreto, para evitar possíveis prisões. Essa é apenas uma categoria entre muitas.

Nos últimos sete meses, o regime militar liderado pelo General Superior Min Aung Hlaing prendeu, desde 10 de setembro, 8.013 pessoas que pertencem a uma ou outra das categorias mencionadas acima, das quais 6.364 permanecem detidas, de acordo com a Associação de Assistência aos Prisioneiros Políticos (AAPP), um grupo de direitos que documenta diariamente as prisões e assassinatos do regime. Com base em sua última contagem, o regime matou 1.062 dissidentes, manifestantes anti-regimes, estudantes e ativistas de direitos, médicos e enfermeiros, e até mesmo poetas. Alguns

deles foram mortos arbitrariamente algumas horas após terem sido presos em suas casas ou esconderijos.

Se fizermos as contas, o regime militar já prendeu mais de 1.000 pessoas por mês, ou mais de 30 pessoas por dia, em média.

As operações de caça se tornaram uma rotina noturna em quase todos os lugares de Myanmar sob o regime militar. Indivíduos desconhecidos e bem conhecidos são cercados.

Em 1º de setembro, Daw Khin San Hlaing, um legislador eleito da Liga Nacional para a Democracia (NLD), foi preso quando estava escondido em Yangon. Da mesma forma, a colunista política U Sithu Aung Myint e uma repórter da BBC Media Action foram presas em 15 de agosto em seus esconderijos na cidade.

Para a legisladora, que está na casa dos 60 anos, a libertação está fora de questão, pois a maioria dos 300 de seus colegas da NLD que estão atualmente presos – líderes partidários, ministros, legisladores eleitos e outros membros – estão enfrentando longas penas de prisão após terem sido atingidos com múltiplas acusações pelo regime.

A colunista também enfrenta a vida na prisão sob acusações de sedição por ser crítica ao regime militar e por supostamente apoiar o “governo sombra” de Unidade Nacional formado por legisladores eleitos da NLD e seus aliados étnicos após o golpe. Antes de sua prisão, o regime prendeu 95 jornalistas e funcionários da mídia, dos quais cerca de 50 permanecem na prisão.

Qualquer prisão pode levar à morte devido à tortura brutal praticada pelas tropas do regime. Até o final de agosto, a AAPP relatou que pelo menos 110 pessoas haviam sido mortas sob custódia. No início de setembro, pelo menos mais uma pessoa foi torturada até a morte logo após sua prisão. Em 6 de setembro, Ko Zaw Linn Htet, 30 anos, foi detido em conexão com uma união estudantil em Pyay, Região de Bago, por volta das

15h30. Por volta das 20h00, as autoridades informaram sua família de que ele estava morto.

Portanto, encontrar um esconderijo seguro é crucial. Se você não consegue se esconder com segurança, isso pode custar sua vida. Se você for capturado e tiver a sorte de não ser torturado até a morte, sofrerá no mínimo um tratamento desumano inicialmente, seguido de uma prisão severa.

Esconder-se em zonas de conflito é outro nível de provação. Desde o final de março, em todas as regiões e estados do país, exceto no Estado de Rakhine, dezenas de milhares de aldeões tiveram que fugir de suas casas devido aos confrontos entre os combatentes civis da resistência e as tropas do regime, que começaram depois que os militares reprimiram violentamente as manifestações pacíficas organizadas em resposta ao golpe.

Aldeias nessas áreas foram invadidas e as casas saqueadas pelas tropas do regime. Muitas pessoas foram forçadas a se esconder nas florestas sem comida ou mesmo um abrigo rudimentar. No mês passado, a Atualização de Emergência de Mianmar do ACNUR informou que aproximadamente 211.000 pessoas foram deslocadas internamente no país desde o golpe de Estado.

Escala sem precedentes

Mianmar sofreu inúmeras épocas obscuras, especialmente sob as ditaduras militares e autoritárias que existem desde 1962, mas é duvidoso que já tenha havido tantas pessoas escondidas em tantos lugares – desde as maiores cidades como Yangon e Mandalay até os menores vilarejos no interior e nas áreas de fronteira – como existem agora.

Após o falecido ditador General Ne Win ter encenado seu primeiro golpe em 1962, líderes civis do governo, políticos, líderes étnicos e estudantes anti-regime foram presos. Alguns opositores ao regime, sem dúvida, se esconderam, mas o número era relativamente insignificante.

Entretanto, durante e após o segundo golpe de Estado militar após a revolta da democracia em todo o país em 1988, o número de prisões e mortes foi muito maior, e as caçadas do regime foram em uma escala muito maior. Vários milhares de ativistas e políticos pró-democracia foram presos. Além disso, cerca de 10.000 estudantes e ativistas pró-democracia fugiram para pegar em armas nas áreas de fronteira para combater a junta. Muitos ativistas que escolheram continuar suas atividades anti-regimes dentro do país foram forçados a se esconder para evitar a caça do regime. No entanto, muitos deles acabaram na prisão em uma ou outra ocasião durante todo o regime militar presidido pelo General Superior Than Shwe, que nomeou o atual golpista, General Superior Min Aung Hlaing, como o comandante-chefe das forças armadas quando ele se demitiu em 2011.

Muitos dissidentes e políticos não puderam ficar escondidos por longos períodos, pois o aparato de inteligência do regime militar tornou-se bastante eficaz para dirigir as operações de busca. A unidade de Inteligência Militar (conhecida simplesmente como "IM") tornou-se a instituição mais temida da sociedade de Mianmar. Sob o comando do chefe espião General Khin Nyunt, apelidado de "Príncipe do Mal", o IM era o principal mecanismo da junta para caçar, prender e prender dissidentes políticos em todo o país. Sob suas diretrizes, o IM prendeu milhares de jovens estudantes e políticos após 1988; a qualquer momento, as prisões do país abrigavam um par de milhares de presos políticos. Como seu IM foi o principal responsável pela opressão de dissidentes políticos, ele foi visto como o principal vilão do regime militar anterior, depois de seu chefe, Snr-Gen Than Shwe. (O fato de Khin Nyunt ter sido expulso do regime em 2004 e condenado a 44 anos de prisão domiciliar – depois que seu chefe, Than Shwe, começou a percebê-lo como um rival, não suavizou a opinião pública a seu respeito).

Nos anos 90 e 2000, o escrutínio sistemático e opressivo do IM sobre o movimento pró-democracia em Mianmar forçou muitos

dissidentes a fugir do país para evitar a prisão e a prisão arbitrária. O legado dessa perseguição é a significativa comunidade de exilados de Mianmar que vivem no exterior, especialmente em países ocidentais, incluindo os Estados Unidos e países europeus, muitos dos quais concederam asilo político aos dissidentes de Mianmar.

Continuando a luta

A razão pela qual as pessoas envolvidas em atividades anti-regimes escolheram se esconder naquela época é a mesma que motiva aqueles ativamente envolvidos na atual Revolução da Primavera: sobreviver para continuar, cada um por seus respectivos meios escolhidos, sua missão de acabar com a ditadura militar de décadas do país.

Aqueles que atualmente se escondem dos esquadrões do regime podem pelo menos estar gratos por Khin Nyunt e seu outrora poderoso IM terem saído de cena por mais de uma década. Aqueles que se escondem hoje achariam muito mais difícil se tal mecanismo ainda estivesse vigente e sob suas diretrizes.

Mas o atual regime militar sob Snr-Gen Min Aung Hlaing é mais implacável em termos do número de presos e do número de torturados e mortos sob custódia. O número de pessoas presas e mortas nos últimos sete meses é superior ao do regime militar anterior – 8.013 presas e 1.062 mortas a partir de 10 de setembro.

Na ausência do IM, a atual junta depende de uma extensa rede de informantes – conhecida como “Da-lan” em Burmese- para permitir suas operações de caça humana.

Para matar a democracia pela qual a maioria do povo de Mianmar está lutando, a junta tem que matar ativistas e defensores da democracia, ou pelo menos seus espíritos fortes. Para isso, as tropas do regime estão desenterrando todas as noites essas pessoas dedicadas de seus esconderijos. Esse é o dever mortal deles; o nosso é manter-nos livres e vivos. Mas esse não é o

nosso objetivo final.

Dia a dia, nós nos escondemos para sobreviver como indivíduos livres. Mas há um objetivo maior, uma razão maior: continuar a luta para livrar Mianmar do atual regime militar, e acabar de uma vez por todas com o sistema de ditadura.

Talvez haja muitos outros como eu, sentados em seus esconderijos por este país, esperando ansiosamente que acordem amanhã de manhã como pessoas livres.

É por isso.